

CARLOS SANTOS SILVA

A VIDA NA PRISÃO DO AMIGO DE SÓCRATES

www.visao.sapo.pt • N.º 1156 • 30 de abril a 6 de maio de 2015
Continente e ilhas: € 3,00 • Semanal



**ALIMENTOS QUE PODEM
SALVAR A SUA VIDA**

1.º LIVRO + CAIXA ARQUIVADORA

VENDA EXCLUSIVA EM PACK
REVISTA + LIVRO = €4,50
PEÇA NA BANCA



VISÃO

A VANTAGEM DE CONTRATAR

MULHERES

E DE AS PROMOVER A CARGOS DE CHEFIA

OS RESULTADOS COMPROVAM:
A APOSTA NA LIDERANÇA FEMININA
É UMA MAIS-VALIA. PORQUE TARDA
ENTÃO A IGUALDADE?



4.ª TEMPORADA
2.º DVD

**GUERRA
DOS TRONOS**
APENAS €5,95
(C.O.V.T.)

CAMANÉ

**'O FADO É
ROCK & ROLL'**

PAÍS BASCO

**VIAGEM DE GASTRONOMIA
E ARQUITETURA**

NEPAL

**A CATÁSTROFE
ANUNCIADA**

LONGE DA EMPRESA

Uma secretária, um computador, uma cadeira. É tudo o que *freelancers* e *startups* precisam para sair de casa. Nos novos locais de *coworking*, partilham-se escritórios, experiências e ideias

SUSANA OLIVEIRA TEXTO E LUCÍLIA MONTEIRO FOTOS



Marta Silva, 25 anos, e Diogo Teixeira, 32, dividem o local de trabalho, a rececionista, a copa, as salas de reunião e o pátio exterior, sem serem funcionários da mesma empresa. A ideia de *coworking*, a partilha de um escritório entre profissionais de várias áreas, tem vindo a afirmar-se um pouco por todo o lado. De acordo com estimativas recentes, publicadas na revista *Forbes*, em 2020, nos Estados Unidos, mais de 40% da força de trabalho será feita em regime de *freelancer*. Em Portugal, «a revolução» também já começou com o *cowork* a ganhar cada vez mais adeptos. E não se trata apenas de juntar, no mesmo local, diferentes profissionais: é também um modo de trabalho que propicia a troca ideias e o estabelecimento de parcerias. Em Vila Nova de Gaia, no Espaço Co:Working do Candal Park, entre o *back office* de apoio à rede de franquistas da Arrenda Na Hora, onde Marta Silva trabalha, e os jogos

de computador desenvolvidos por Diogo Teixeira na Amplify Creations, acomodam-se também advogados, contabilistas e comerciais. Além de mesas e cadeiras «sem dono», onde qualquer pessoa pode sentar-se, têm salas «de vidro» com ar alternativo, despojado e informal. Instalado num antigo edifício recuperado, desde dezembro do ano passado, o Espaço Co:Working pretende «satisfazer a necessidade de novos negócios e *startups*». Elisabete Ruge, da administração, reforça que, por este «nicho de mercado», passam cada vez mais atividades de áreas diversas. Encontram não só lugar para trabalhar, com secretária e wifi, mas «sinergias» entre *coworkers* e as 130 empresas instaladas no parque.

UM LABORATÓRIO PARA TODOS

Para ter alguma privacidade, queixa recorrente de alguns, as empresas da Marta e do Diogo optaram por ocupar os gabinetes da mezzanine. Dos nove, com quatro postos de trabalho cada, apenas um está

De acordo com estimativas recentes, publicadas pela revista *Forbes*, nos Estados Unidos, daqui a cinco anos, 40% da força de trabalho será feita em regime de *freelancer*

livre. «Aqui é chegar e começar a trabalhar, não envolve contratos com terceiros», salienta Diogo. Aberto 24 horas por dia, 365 dias por ano, tem uma mensalidade a partir de €230 nos gabinetes e de €100 no open-space do rés do chão, onde há 24 postos de trabalho, a lembrar antigas linhas fabris, sem divisórias entre quem ocupa as mesas. Com videovigilância e controlo de acessos incluídos.

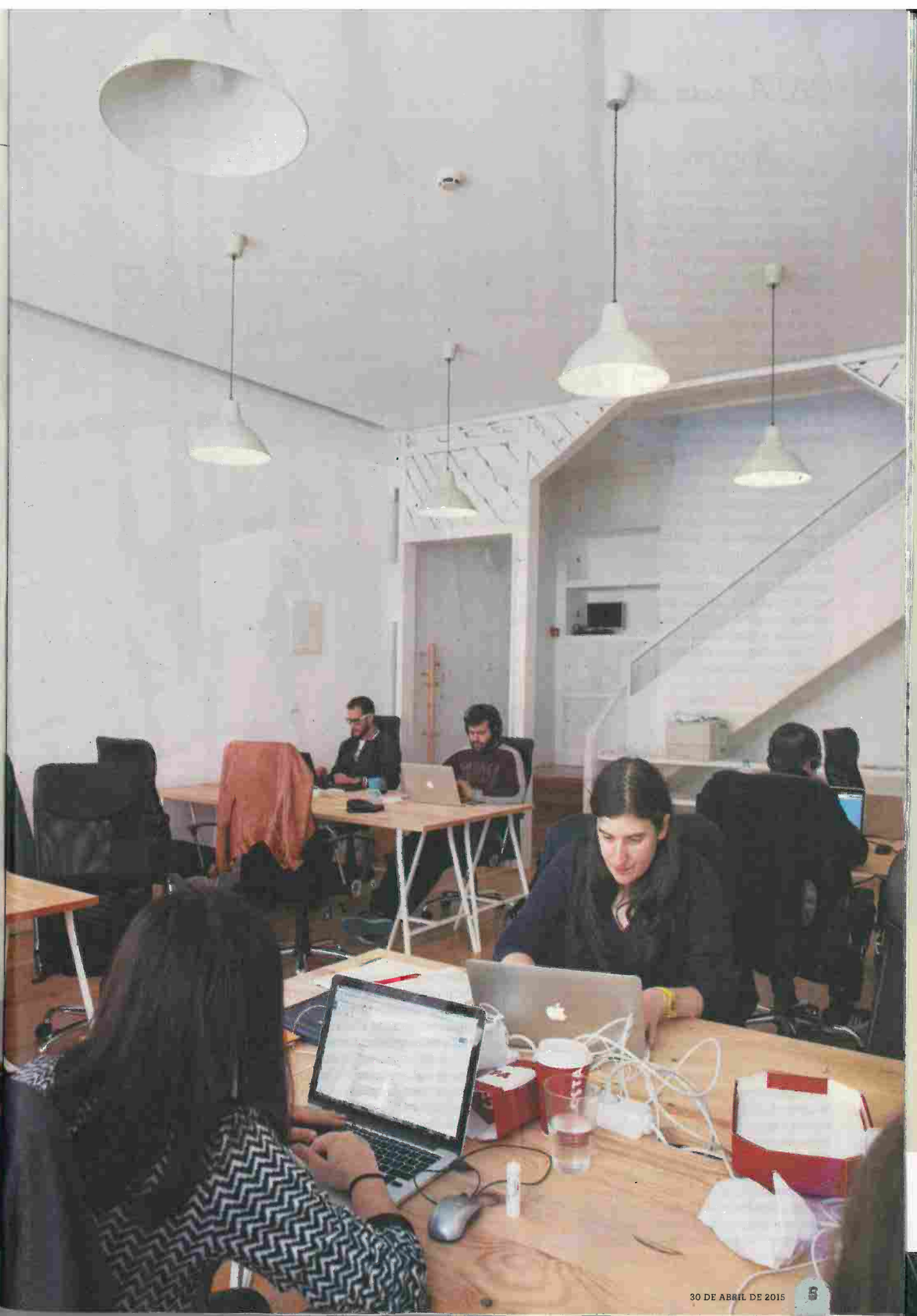
Ana Sofia Pacheco, 31 anos, não sente falta de privacidade por trabalhar numa garagem dos anos 50, da Rua D. João IV, no Porto. Em dezembro, com mais uma pessoa na empresa, a arquiteta paisagista precisava de um sítio para receber os clientes. Acabou por aliar o seu interesse à «dinâmica» de trabalho no OPO-LAB (Oporto Laboratory of Architecture and Design), ganhando novas parcerias para concursos com *coworkers*, facilidade em trocar contactos, esclarecer dúvidas, partilhar experiências. Depois da Oh!Land Studio ter desenhado o parque urbano em Santo Tirso, Ana Sofia está envolvida no projeto de um hotel em Évora e na reabilitação do Bairro Padre Cruz, em Lisboa.

O OPO-LAB possui um laboratório, máquinas industriais, impressora e moldes 3D (à esquerda). No Porto i/o (à direita), trabalham 25 *coworkers* com projetos de web development, comunicação e audiovisual

À entrada, não dá para imaginar o que está para lá da porta de garagem ou da montra da loja, onde convivem letras a identificar o lugar e uma velha televisão. As cortinas fechadas deixam a certeza que a entrada se faz pelo portão. O OPO-LAB possui laboratório, máquinas industriais, impressora e moldes a três dimensões. Além do *cowork*, com capacidade para 40 pessoas (€60/mês), onde encontramos Ana Sofia Pacheco, o OPO-LAB tem ainda auditório, sala de reuniões e o ateliê de João Feyo, responsável por



a
is
s por
rtir
o no
e
rar
urias
m
essos
io
os
Em
a
ta
per
eu
lho
ry
darle
olvida
e
Cruz,
nar
nde
ugar
as
PO-
nas
s
rt,
s
Ana
seo
por



este projeto, em conjunto com Luís Fernandes, Luís Sousa e José Pedro Sousa. Para os arquitetos, a partilha não se limita à mesa, inclui ainda todas as alternativas disponíveis, pagas à parte, como os cafés. Sempre com o intuito de evoluir, o projeto tem uma dinâmica própria, visível quando a garagem é invadida por criativos de áreas diversas. Sejam eles alunos da Faculdade de Belas Artes, cujos trabalhos podem ver-se nas instalações, workshops e conferências, ou no festival Get Set. «É um espaço aberto, para ver pessoas, caras diferentes e juntar o máximo de áreas possíveis». E, na procura de novos desafios, em breve, pretendem avançar com o FAB-café, que terá máquinas de pequenas dimensões onde qualquer pessoa «pode produzir uma capa de telemóvel, por um preço em conta». Em cima da mesa está também a ligação ao terraço, com mais de cem metros quadrados, no qual querem instalar uma *farm city* com culturas próprias, e o apartamento do primeiro andar, a ser reabilitado para residências artísticas.

UMA CASA, VÁRIOS PROJETOS

Bem mais recente é o Porto i/o, lançado em outubro de 2014, onde trabalham 25 *coworkers* com projetos em áreas de web development, comunicação e audiovisual. Neste centro tecnológico, «o *cowork* é apenas um canal aberto para o mundo digital». Nuno Veloso regressou ao Porto, depois de trabalhar em Barcelona, Londres e Nápoles, trazendo na bagagem o *cowork* aliado à ideia «inspira e é inspirado». Seis meses após a abertura do edifício da Rua Cândido dos Reis, à «comunidade de pessoas envolvidas com a cidade», o responsável já «olha à volta» para fazer crescer o projeto. Flexível no lugar de trabalho, privado ou em *open space*, na renda adaptada à procura, seja ela diária ou semanal, o Porto i/o foi escolhido pela *startup* Pirates, a XTeam, a Marzee Labs e a Filling Empty Spaces para se instalarem. Muito mais que uma área de mesas e cadeiras, a casa serve como palco de apresentações mensais do CoderDojo Porto, que ensina aos miúdos os princípios da programação, a Girls Lean in Porto, focada em histórias de êxito feminino, e o Press Pause Talks, encontro com um criativo convidado.



Nuno Veloso, responsável pelo Porto i/o, inaugurado em outubro de 2014, vê o *cowork* apenas como «um canal aberto para o mundo digital»

O Porto i/o é uma casa aberta sobre o Porto, mas podia ser em Londres. As conversas decorrem em inglês, ninguém estranha o idioma à solta entre a sala e as águas furtadas, o *open space*, o *chillout lounge* e a cozinha. Além de mesa, *wireless* e acesso às diversas áreas da casa, pode beber todo o café e a água que conseguir, que não paga mais por isso (a partir de €125/mês). Por todo o lado há apontamentos comuns, como o mobiliário em madeira da Rua da Picaria, as mesas de uma carpintaria em Famalicão, os *puffs* feitos à mão. Em breve, a convite, artistas do Porto vão dar cor às paredes, por agora, caiadas de branco.

Luís Silva, 38 anos, o mentor do Cool.office, também optou por arrendar uma habitação para dividir as instalações da empresa de sistemas de informação com outras áreas profissionais. «É uma casa de serviços partilhados de nível empresarial», diz. Os quartos de dormir foram invadidos por secretárias, computadores, cadeiras e outras peças de mobiliário de escritório. A sala de estar deixou de ser ocupada pelo televisor e acolhe agora reuniões e, em vez de um *open space*, onde todos trabalham juntos, há diferentes compartimentos para distribuir pelos profissionais. Para quem não quer partilhar o lugar

mais...

COWORK COIMBRA
COIMBRA, R. da Casa Branca,
97 T. 239 049 820. Seg-sex
9h-18h. A partir de €69/mês

FACTS COWORKING É
um open space com sala de
reuniões e jardim exterior.
A mensalidade (a partir €62)
inclui crédito para café e
chá, telefone e impressões.
PORTO Centro Comercial
Sirius, R. 5 de outubro, 156.
Seg-sex 9h-22h

FUSION COWORK AVEIRO
R. Dr. Nascimento Leitão, 6
T. 234 059 200. Seg-Sex
19h30-19h €110/mês

OFICINA COMUM É uma
casa de família do século XVIII,
com pátio exterior, reabilitada
por dois arquitetos, onde
há seis salas para partilhar,
com uma ou mais pessoas (a
partir €200/sala). **PORTO** R.
Fernandes Tomás, 539 T. 910
853 259. Aberto 24 horas

LEXO MATOSINHOS
R. Roberto Ivens, 279 T. 22 404
4500. Seg-sex 9h30-19h30



com 15 ou 20 pessoas, quer evitar ser interrompido a meio de um telefonema ou prefere reuniões sem percalços. Além de local de trabalho fixo, quem por cá trabalha dispõe de bloco de gavetas, acesso às áreas comuns e serviço de secretariado com atendimento telefónico (€125/mês). Embora não esteja aberta 24 horas, «a possibilidade existe», confirma Luís Silva.

Para quem se passeia na Rua Álvares Cabral, o número 2075 confunde-se com uma típica habitação portuense dos anos 30 do século passado. O interior foi recuperado sem alterar a configuração inicial dos dois andares. Os quartos mantêm a privacidade, mesmo depois de adaptados a gabinetes de trabalho de psicólogos, programadores e empresas. Os atuais «moradores» partilham a cozinha, o pátio e a varanda para trocar de ideias, conversar ou partilhar recursos.

LUGAR AOS NOVOS

Ao fim de pouco mais de um ano de atividade, Luís Silva resolveu estender o Cool.office à cave, até agora fechada. «Uma forma de tirar rentabilidade da casa foi abrir a atividades pontuais», explica. A cave, que tem entrada exterior pelo jardim, ficou pronta para acolher ateliês em áreas tecnológicas e artísticas. A agenda, que está online, apresenta o calendário de atividades alinhado de maio a julho. A Circus ainda não tem a dinâmica de trabalho do OPO-LAB ou a agenda do Porto i/o, ganha em intervenção artística, à solta por dois pisos. Das paredes da galeria ao



cowork, da loja à cave com luz direta, passando pelo pátio das traseiras, onde há sempre área disponível para pintar. André Carvalho, 26 anos, Ana Muska, 24, e Lara Luís, 27, formam o núcleo criativo que já pintou murais, organizou o 1.º Festival Push Porto, além de representar ilustradores, artistas urbanos e designers. «Todos portugueses», afirmam. No mês passado, quase três anos depois de ter sido criada, a agência de artistas Circus Network abriu à cidade o seu mais recente projeto, com galeria, loja e cowork. Depois da primeira experiência numa cave partilhada, muito na onda do cada um por si, «estava na altura de passar ao nível seguinte, e ter o nosso próprio lugar», conta Ana Muska. A entrada faz-se pela galeria que nos acompanha até ao balcão, onde sobressaem as capas de discos da editora Harborage, merchandising e alguns livros de arte urbana, ilustração e design. Frequentado por inúmeros artistas,

O Espaço Co:Working, no Candal Park, em Vila Nova de Gaia, está direcionado para novos negócios e startups (página da esquerda). A ilustradora Inês Meireles («Vespa») é uma das artistas que se instalaram na Circus, na Rua do Rosário, no Porto (em cima). O Cool.office funciona numa típica casa dos anos 30 do século passado (em baixo)

o Circus está em «constante eferescência». Ana Muska realiza ainda a «constante partilha» de conhecimentos entre artistas de diferentes áreas e os projetos estabelecidos em parceria.

Pelo vidro, espreitam-se as quatro mesas partilhadas no primeiro andar, com vista para o pátio. No open space da cave, onde há luz direta, ficam as restantes. São 11, no total, com capacidade para 18 pessoas. Incluída na mensalidade, a partir de €45, está o acesso à Internet, mesa, cacifo, cozinha e sala de reuniões. Se para alguns trabalhar em casa continua a ser produtivo, resistindo à solidão ou ao pijama como farda laboral, outros precisam de discutir ideias, trocar informações, partilhar dúvidas. Assim acontece com o editor de música e designer gráfico, Gonçalo Costa, que se instalou no Circus por este se apresentar como «ponto de encontro de artistas».